

SEGUNDO, Paulo Roberto Gonçalves. *Editoriais da imprensa paulistana de bairro, séculos XX e XXI*. Distribuição feita por modolo@usp.br, marcelomodolo@hotmail.com ou paulosegundo@uol.com.br

5.1 *Editoriais da imprensa paulistana de bairro do século XX* editados;

5.2 *Editoriais da imprensa paulistana de bairro do século XXI* editados;

5.1 Editoriais da imprensa paulistana de bairro

Período: segunda metade do século XX (foco: anos 70, 80 e início dos anos 90)

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo (ver nome)

Edição: Paulo Roberto Gonçalves Segundo (FFLCH-USP)

Sumário:

1. *Correio da Zona Sul. São Paulo, 18 de Maio de 1973, p. 03.....p. 02*
2. *Correio da Zona Sul. São Paulo, 19 de Outubro de 1973, p. 03.....p. 04*
3. *Correio da Zona Sul. São Paulo, 15 de Março de 1974, p. 03.....p. 06*
4. *Correio da Zona Sul. São Paulo, 29 de Março de 1974, p. 03.....p. 07*
5. *Correio da Zona Sul. São Paulo, 12 de Julho de 1974, p. 03.....p. 09*
6. *Gazeta de Pinheiros. São Paulo, 04 de maio de 1979, p. 02.....p. 10*
7. *Gazeta da Lapa. São Paulo, 21 de junho de 1980, p. 02.....p. 11*
8. *Gazeta da Vila Prudente. São Paulo, 22 de outubro de 1982, p. 01.....p. 13*
9. *Gazeta da Vila Prudente. São Paulo, 03 de dezembro de 1982, p. 01.....p. 15*
10. *O Parque. São Paulo, março de 1983, p. 02.....p. 17*
11. *Nosso Jornal. São Paulo, julho de 1984, p. 02.....p. 18*
12. *O Cerqueira César. São Paulo, 10 de março de 1991, p. 02.....p. 19*
13. *O Cerqueira César. São Paulo, 10 de março de 1991, p. 02.....p. 21*

Correio da Zona Sul. São Paulo, 18 de Maio de 1973, p. 03.

MAIS UM JORNAL?

— Sim, mais um jornal semanario, para a zona sul de São Paulo, mas um jornal com “J” maiusculo, pois, no mundo moderno das comunicações, pretende constituir-se um veículo de registro das atividades da nossa palpitante Capital, da zona que representa, do Estado de São Paulo, do Brasil e mesmo do estrangeiro. ||

Será demais um novo jornal para a zona sul? Entendemos que não. São Paulo dispõe de uma população superior a 6.000.000 milhões. Não sabemos ao certo qual a população da zona sul, mas podemos dizer que é superior às de várias grandes cidades do Interior do Estado, onde temos dois, três ou mais jornais, sendo que, em algumas delas, como Santos, Campinas, Ribeirão Preto, Bauru, etc., são comuns os diários. ||

Ora, a Capital, além de ser dividida em zonas, comporta, também, uma divisão em bairros e Vilas. E, na zona sul, são inumeras as Vilas e os Bairros, como os seus problemas, os seus próprios interesses, as suas reivindicações. Mais um jornal, com o aparecimento “Correio da Zona Sul”, teremos maior campo para a divulgação de notícias locais, bem como de reclamações de seu povo, informações, colaborações, entretenimentos, esporte, vida social, etc. ||

O “Correio” pretende, semanalmente, fazer uma visita aos seus lares, trazendo-lhes comunicação de todo gênero e espécie, de São Paulo, do Brasil e do mundo, abordando todos os assuntos de interesse geral da população. ||

Politicamente, o “Correio” será imparcial e independente, pois não adotará esta ou aquela linha política. Como órgão noticioso, transmitirá informações e publicará matéria diversificada, inclusive colaboração de matéria especializada. As suas páginas estarão abertas a todas as classes sociais, grupos, raças e religiões. ||

O que nos interessa será a defesa do povo e das instituições | nacionais. Nada nos deterá na luta pelas reivindicações dos oprimidos | e necessitados; na trincheira das nossas colunas, procuraremos o pres- | tígio do Brasil, trabalhando pelo engrandecimento de São Paulo e da | zona sul. ||

E como vamos viver? ||

Apoiados no povo da zona sul. Não podemos prescindir da | colaboração de todos: comerciantes, industriais, estudantes, autorida- | des civis, militares, religiosas, judiciárias, operários, funcionários pu- | blicos, etc. Todos formam o grande conjunto vivo da Zona Sul, como | expressão de sua força, do seu valor, do seu progresso, da sua técnica, | da sua cultura. ||

Dentro do conceito moderno de imprensa, o “Correio” espera | contentar gregos e troianos, sem fazer distinções. ||

Esperamos, pois, o apoio de todo mundo. Não só o apoio, mas | também a compreensão, no sentido de que, evidentemente, como obra | humana, teremos falhas, que pedimos sejam perdoadas. ||

De uma coisa o leitor poderá estar certo: procuraremos sem- | pre acertar, trilhando o caminho da honestidade, da retidão, da digni- | dade e moralidade, elevando o nome da Zona Sul e do prestígio do | Brasil, duas metas que estarão em nossas mentes e objetivos. ||

Não queremos ser apenas mais um jornal, em São Paulo. De- | sejamos, ardentemente, dar ao nosso povo uma nova arma de comuni- | cação, que é uma exigência de sua expansão e do seu progresso. ||

O povo que nos julgue. E muito obrigado! ||

Correio da Zona Sul. São Paulo, 19 de Outubro de 1973, p. 03.

A notícia que estourou como uma bomba, divulgada no fim da | semana que passou, segundo a qual em razão da guerra do Oriente | Médio em Israel e os Países Arabes a gasolina possivelmente viria a | ser racionada entre nós não deixa de ser altamente apreensiva. Ela | chegou ao conhecimento do grande publico através da declaração de | um Ministro de Estado. Como é de conhecimento quase geral, o mun- | do árabe detém a maioria das reservas de petróleo do mundo. Muitos | países dependem somente do petróleo árabe como é o caso do Japão, | hoje, uma das grandes potencias do mundo. Nós, brasileiros, recebe- | mos uma parte do pe- | tróleo que consumimos, vindo dos campos petrolíferos do mundo árabe. Ninguém sabe até onde nos vai conduzir | essa guerra lamentável cujo fim todos nós desejamos ver. A palavra | do Ministro foi bem clara: possivelmente a gasolina que terá que ser ra- | cionada. ||

É muito fácil imaginar o que representa um racionamento de | gasolina entre nós, principalmente nos grandes centros urbanos como | São Paulo, Rio e outras grandes cidades do Brasil, sem falar no grave | problema que vai representar em termos de abastecimento interno e | transporte prioritário.

É muito verdade que no Brasil e, principalmente em São Paulo, | muita gente, gasta gasolina sem necessidade. Milhares de rapazes, | filhos de gente abonada, tendo seu proprio carro, rodam dia e noite | por ai, gastando gasolina, milhares de senhoras, pelos simples pretexto | de ter que levar os filhos ao colégio (que muita vez fica a poucos qui- | lometros de casa), pedem um carro ao marido. Meninotas colegiais, | que frequentam colegios caros, colégios que possuem inclusive frota | de onibus colegiais, possuem seu proprio carro, consumindo gasolina. ||

O racionamento não foi ainda determinado. Talvez nem ve- | nha a ser. É até possível que a guerra termine dentro de pouco tempo | e tudo volte à normalidade. Mas pode ocorrer que essa guerra estu- | pida entre duas velhas raças rivais se estenda

cruenta, por muito | tempo e dessa forma trará consequências imprevisíveis. É hora de | nós fazermos uma economia de gasolina por conta própria. Vamos | evitar de andar à toa, sem um motivo imperioso. Com um pouco de | sacrifício, podemos fazer uma porção de coisas de ônibus, ou a pé, | sem precisar gastar gasolina. Ela pode fazer falta para fins mais | importantes. Nossa frota de caminhões que traz suprimentos de | outros Estados é imensa e precisará de combustível. Que a menina de | colégio utilize o ônibus e a dona de casa que levante um pouco mais | cedo e leve seus filhos para a escola de ônibus. Na melhor das hipó- | teses será um treinamento para dias difíceis que podem vir. ||

Correio da Zona Sul. São Paulo, 15 de Março de 1974, p. 03.

UMA FIGURA MARCANTE

Encerrou-se nesta data o mandato de um dos Presidentes da República, cuja imagem jamais se apagará da lembrança dos brasileiros. Referimo-nos evidentemente ao General Emílio Garrastazu Médici. ||

Homem simples, afável e acessível, regeu os destinos da Pátria brasileira num clima de grande respeitabilidade. Governou com elegância. ||

Não fez milagres. Não foi um demagogo. Mas, aquilo que esteve ao seu alcance, ele o fez com segurança. ||

Quando foi que em nossas plagas alguém levou em consideração o estado calamitoso do trabalhador rural, sempre postergado e sem direitos? Hoje, graças ao Presidente Médici que situou esses obreiros dentro do amparo da lei, pela vez primeira em nossa História eles usufruem direitos e inclusive desfrutam de aposentadoria. ||

Não foi só. E as domésticas? ||

Quem se lembrou dessa classe humilde, porém, útil e necessária? Hoje, graças também, a esse Presidente de espírito altamente humano, a sombra benfazeja da lei já abrange essas criaturas contra a canícula do desamparo. Os seus direitos foram, também, acolhidos pela lei que lhes era madrastra ou pura e simplesmente as ignorava. Médici foi criterioso e imparcial. Rasgou o chão brasileiro estendendo sobre ele qual infinito tapete a incrível realidade da Transamazônica; uniu a Guanabara a Niterói com soberba e espetacular ponte, transformando esta última em cidade-gêmea do Grande Rio, facilitando, entre as duas capitais, maior facilidade para a permuta de valores. ||

Não houve problema que ele não analisasse com carinho e cuidado. Dispensava aos problemas aparentemente pequenos a mesma dedicação que aos de grande

envergadura. Acionou usinas, rasgou rodovias, cons- | truiu pontes, olhou para a
Lavoura, para a Pecuária, para a Saude e | para a Educação. Tudo foi dinamizado.
Durante o decorrer do seu man- | dato o Brasil respirou ares de paz e de concórdia. ||

O Estado do Rio Grande do Sul, expressiva parcela da Federação | deve
orgulhar-se de ter servido de berço a um filho desse gabarito que | conquistou a
simpatia, o carinho e o respeito do Brasil. ||

Correio da Zona Sul. São Paulo, 29 de Março de 1974, p. 03.

“Tatuzinho” é o nome de batismo de uma cachaça, muito fá- | mosa segundo a
opinião de seus consumidores, e que ao ser ingerida — | dizem eles — é como se fora
“um veludo no gogó”... Vejam os imen- | sos cartazes coloridos nas ruas! ||

Através do vídeo, homens, mulheres e crianças, de todas as ida- | des, são
estimulados a beber “Tatuzinho”, a mais saborosa cachaça que | já se fabricou neste
País, conforme o afirmam os amantes da “pinga”... ||

Faz poucos dias, dizíamos nesta folha, que maconha e outros ve- | nenos lentos
infelicitavam seus consumidores, ou melhor, seus escravos, | alertando principalmente
aos jovens sobre os perigos morais e materiais | que o vício oferece aos incautos. ||

Sem prejuízo daquela advertência, que não nos cansaremos de re- | petir, hoje
voltamo-nos contra a propaganda ostentosa que se faz da | cachaça através da televisão,
uma vez que esta é veículo de forte pene- | tração em todos os lares e está ao alcance da
família, sem distinguir | idades... ||

É lamentável que essa propaganda apareça no televisor, quando | se sabe o efeito
altamente convincente e estimulante que a promoção ou | propaganda movel, falada,
cantada, musicada e ilustrada, exerce sobre | o espírito dos menos avisados – os jovens
em maior numero – muitos | dos quais são levados a experimentar o “espírito forte” por
força da | curiosidade quanto à maciez de seu “veludo” na garganta... ||

Não somos contra “tatu”, “pitu” e outros bichos, e seria alongar- | mo-nos
demasiado se nos déssemos ao trabalho de citar os diversos no- | mes dados à
“branquinha”, tais como “Chora na Rampa”, “Três Fazen- | das” e outros, com que se
preparam “caipirinhas” “capirissimas” e de- | mais venenos lentos, à guisa de
“aperitivo” geralmente para o almoço, | sem o que o feijão não desce... ||

Ninguém ignora que o alcool é um dos mais violentos problemas | sociais, razão
de ser da desgraça de muitas famílias, responsável direto | por acidentes e crimes dos

mais brutais... Não obstante, através dos vi- | deos todos somos convidados a usá-lo, sob os mais variados títulos, atra- | vés da mais astuciosa e pré-fabricada propaganda. ||

Há quem seja favorável a uma providencia no Lar, contra essa pe- | rigosa promoção, qual a de impedir que seja assistida pelos menores, pó- | rém isso cairia pela base, pois o televisor teria que ser desligado cons- | tantemente e, na pratica, a medida seria demasiadamente cansativa. ||

Resta-nos esperar que possa surgir, talvez a curto prazo, provi- | dencia oficial que impeça a propaganda televisionada da cachaça e ou- | tras bebidas alcoólicas. ||

A televisão, como se vê até agora, promove a aguardente, aconse- | lha o seu uso, destruindo tudo que se tem feito e se faz, até agora, no | combate à ingestão dessas bebidas através de entidades que lutam para | livrar homens e mulheres desse vício que corrompe, degenera, adocece | e mata, responsável por grande numero de vítimas internadas nos | hospitais. ||

Correio da Zona Sul. São Paulo, 12 de Julho de 1974, p. 03.

Ei-nos chegados novamente à realidade das coisas. ||

No domingo p. passado, em memorável jantar, ficaram definitiva- | mente encerradas as lutas da Copa-74. ||

Dizer-se que o Brasil fez “papelão”, é injusto. Quando alguém par[-] | te para uma guerra, onde defenderá os valores e as tradições de sua Pá- | tria, ainda que com o coração sangrando, segue para vencer. Ninguém | admite a derrota. ||

Numa aguerrida disputa futebolística que empolgou o mundo todo, | como a Copa-74, é mais do que lógico aceitar-se a presença dos nossos atle- | tas em gramados estranhos, para vencer. Jamais iríamos aparecer por lá, | peito marcado por emblemas nossos, para sermos pura e simplesmente | derrotados. ||

Isto posto, entendemos que o Brasil fez de tudo o quanto pode fazer. | Lutou ardorosamente. Pôs à prova todo o seu brio patriótico e lançou mão | de todos os recursos do nosso futebol mundialmente conhecido. Positi- | vamente, porém, não era a nossa vez. ||

Assim, a Alemanha Ocidental conseguiu a vitória sobre o seu forte | adversário: a Holanda. Vamos respeitar os vitoriosos. Quem não sabe | perder não tem condições de ganhar... ||

Preparemo-nos para a Copa-78, quando em campos da Argentina, | aqui mesmo na América do Sul, mostraremos os nossos valo- | res e, — quem sabe? poderemos trazer de lá o suspirado “caneco”. A ver- | dade é que a presença dos nossos atletas que nos representaram lá fora, | nessa última maratona, deveremos mostrar-lhes o nosso respeito e o nosso | carinho, pois eles também, queriam ser vitoriosos e tudo fizeram para com- | seguir uma vitória que não quis sorrir para as nossas cores desta vez. Va- | mos em frente. A vitória é dos fortes, é dos que lutam com tanto ardor | e desprendimento que sabem, em última instância, transformar em vitória | até mesmo uma derrota. ||

Gazeta de Pinheiros. São Paulo, 04 de maio de 1979, p. 02.

Reserva de área: quando o sacrifício do povo precisa ser respeitado.

Continua repercutindo muito intensamente na região do Butantã a reserva de uma grande área, que se inicia próximo à Avenida dos Três Poderes, na Previdência, e se estende até a Rua Levon Apovian, no Caxingui, onde serão construídas obras viárias diversas e a canalização do córrego Pirajuçara. ||

A notícia da reserva, que significa um congelamento para novas construções, paralisando inteiramente uma ampla área, foi muito mal recebida pelos moradores, que vêem na medida uma injustiça, já que a Prefeitura não definiu até o momento as desapropriações que serão feitas, criando como consequência uma desagradável sensação de expectativa. ||

Muito embora os moradores reconheçam que as obras que serão executadas sejam necessárias, particularmente a canalização do Pirajuçara, como é muito natural, reclamam do alto preço que uma parcela da comunidade terá que pagar para o benefício de todos, pois, diante da indefinição que enfrentam em relação aos seus imóveis, sentem-se inseguros e temerosos. ||

Alguns grupos de moradores estão tentando resistir, forçando através de uma mobilização coletiva a retirada de seus imóveis da faixa reservada, como os moradores de um conjunto residencial situado junto à Avenida Francisco Morato. E para isso estão-se apoiando na possibilidade da mudança do traçado, o que não parece muito provável de acontecer. ||

Muito mais coerente seria que ao tomar atitudes semelhantes a essa, que só provocam ansiedades e desvalorização dos imóveis, muitas vezes construídos a duras penas, a Prefeitura estabelecesse alguns critérios mais objetivos, talvez em uma ação mais decisiva, e se fizesse também, na medida do possível, ouvir pelos moradores que serão diretamente afetados.

Gazeta da Lapa. São Paulo, 21 de junho de 1980, p. 02.

No repulsivo caso da venda de 149 milhões de ações da Cia. Vale do Rio Doce na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro por ordem do governo, já está praticamente tudo resolvido: para variar, não vai acontecer nada. Todos terão explicações muito bem elaboradas para apresentar ao público e o máximo que pode acontecer é a punição de algum “bode expiatório” da Bolsa de Valores ou da corretora. Essa é a hipótese mais provável do desfecho do caso, a julgar pelo resultado do inquérito aberto na ocasião, recentemente divulgado, onde não constam depoimentos do ministro da Fazenda, Ernãne Galvêas, nem do presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni. O ministro mandou e o presidente do Banco Central transmitiu a ordem de venda das ações da Vale, (companhia estatal), por meio da qual o governo “fez caixa”, isto é levantou rapidamente grande soma de dinheiro, não se importando de, para isso, ter que aviltar os preços dos papéis, e, conseqüentemente, desmoralizar o mercado de ações e a responsabilidade do Governo para com ele. ||

O certo teria sido a corretora Ney Carvalho, executora da venda, ter comunicado à Comissão de Valores Mobiliários, órgãos que fiscaliza as atividades em bolsa no País, o volume a ser negociado. A Bolsa do Rio de Janeiro, na sequência, deveria ter interrompido a negociação imediatamente, pois já estava clara a tentativa de derrubar a cotação do papel para forçar sua venda maciça. Todos elegam, porém, que desconheciam o volume a ser vendido pelo Governo e juram que cumpriam ordens — e, o que é mais grave, ordens do próprio ministro. O que choca sobremaneira é a ascendência plenipotenciária do Poder Central que levou, no caso, tanto a corretora quanto a CVM, a se submeterem, por conviência consciente ou obediência cega — tanto faz, o que importa é que o talante estava erguido através da instrução para se “cumprir ordens”. ||

Quais as conseqüências disso? Não é difícil perceber. Pois se o próprio Governo pode interferir no mercado de ações forçando baixa de cotações, ou seja,

manipular, | sem que nada lhe aconteça, toda a credibilidade do | mercado de ações
passa a ser questionada, ainda mais se | cabe a este mesmíssimo Governo fiscalizar a
moralidade | da coisa. É claro que o germe da desconfiança irá | inocular-se naquela
poupador que pretender investir na | bolsa, porque estará abalada não só a confiança nos
| intermediários financeiros que se submetem sem limites | ao poder (caso da corretora
New Carvalho), como no | próprio Governo a quem cabe, em última instância, a |
responsabilidade amior na questão. No caso da Vale, os | brasileiros assistiram a mais
um “show” de uso ilimitado | do poder e de impunidade quase absoluta desse mesmo |
poder O que é de assustar, quando se sabe que toda a | população, menor ou maior grau,
é afetada por esse | mesmo Poder cotidianamente, nos mais variados | aspectos e de
múltiplas maneiras. ||

Gazeta da Vila Prudente. São Paulo, 22 de outubro de 1982, p. 01.

A dança da chuva falhou

Continuamos insistindo: qual- | quer semelhança de figuras constan- | tes deste texto com personagens vi- | vas ou mortas terá sido mera coin- | cidência. ||

Naquela região administrativa | de uma grande capital de um país | tropical, aquela tribo, cujo chefe é | o Cacique Mané Oca continua seus | rituais, entre os mais exóticos, aque- | le conhecido como “dedodurismo”. ||

Pois bem: há pouco tempo, a | tribo do Cacique Mané Oca progra- | mou uma grande e sensacional dan- | ça da chuva, cujo objetivo era ca- | nalizar uma grande chuva de votos | para o cacique, seu pajé e alguns | outros grandes chefes daquela tribo. | Nos preparativos daquela dança, a | tribo do Cacique Mané Oca seguiu | o ritual de visitar todas as aldeias | vizinhas, pediu a benção de diversos | caciques de maior ou menor impor- | tância e entrou em diversas comi- | tivias de boa vizinhança, tudo como | parte do ritual local. ||

É parte dos usos e costumes, que | na época desta grande dança, os | caciques combinem entre si o apoio | que será dado a uns e outros: fazem | as famosas “dobradinhas”, o que | quer dizer, combinam com quem vão | entrar na dança e preparam todo o | material para a grande festa, isto é, | criam papéis em todos os lugares e | picham tudo em volta, quando deve- | riam pintar apenas sua própria ca- | ra. Mas, são os usos e costumes | deles. ||

Aí o Cacique Mané Oca, em | visita aos locais vizinhos, pôs-se a | fazer promessas que não pode cum- | prir e a ordenar que sua tribo pra- | ticasse com maior vigor a arte mar- | cial que eles desenvolveram: o “de- | dodurismo”. Acusaram alguns fun- | cionários locais em documento ofi- | cial, de algumas práticas, cujas pro- | vas não levantaram, pedindo uma | sindicância. Colocou seus elementos | em postos-chaves para

ter informa- | ções “dedoduradas” em primeira | mão e até providenciou para que | algumas pessoas fossem ameaçadas | em altos brados, em local público. ||

Foi quando começamos a série | destas crônicas, mostrando os usos | e costumes da tribo do Cacique Ma- | né Oca. Através de alguns recursos | estilísticos, pretendíamos levar até | o nível de consciência dos morado- | res de nossa região, como é impor- | tante escolher bem seus represen- | tantes políticos, para que eles não | passem a se dedicar-se aos seus inte- | resses pessoais ou de seus grupos, | depois de eleitos, abandonando seus | eleitores e esquecendo a região que | os elegeu. ||

Porém, continuemos nossa visita | à tribo. ||

O Cacique Mané Oca e seus [apa- | niguados], quer dizer, membros de | sua tribo continuavam a dedicar-se | aos preparativos da grande festa en- | quanto algumas mentes mais abertas | percebiam que a dança da chuva | que eles preparavam não era útil | a região. ||

Procuramos saber de alguns per- | sonagens citados anteriormente so- | bre as atividades atuais e todos eles | foram unânimes em afirmar que não | têm nada a ver com o Cacique Mané | Oca. Alguns chegam a afirmar que | mal conhecem o [índigado chefe] ||

Nossa série está chegando ao | fim. O Cacique Mané Oca está fi- | cando sozinho. Mesmo que sua dan- | ça da chuva lhe traga as benesses | que pretende, seus vizinhos já sabem | como ele age. Pretende administrar | uma região da cidade grande como | curral eleitoral, com suas técnicas | de coronel de sertão. Pensa que | seus antigos eleitores são índios, tais | como aqueles que com ele convivem | em sua tribo, da qual só temos visto | intrigas e traição. ||

Mas, nossas historinha vai con- | tinuar.

Em benefício de nossos leitores, | pretendemos continuar exercitando | a observação antropológica da tribo | do Cacique Mané Oca, para que to- | da nossa região possa ficar informa- | da dos usos e costumes daquela | turma. ||

Afinal, a dança da chuva ainda | não terminou. E a tribo do Caci- | que Mané Oca, mesmo com suas de- | serções, pode obter um verdadeiro | temporal. ||

Gazeta da Vila Prudente. São Paulo, 03 de dezembro de 1982, p. 01.

O povo desautorizou

Este jornal sempre realizou um acompanhamento político muito intenso. Mormente na nossa região da cidade. | Se assim o faz é por que o bairro é muito carente e | necessita de uma representação política forte, tanto no | nível municipal quanto no estadual. Por esta razão, acompanhamos as atividades dos homens e dos órgãos públicos ligados às atividades desta área da cidade. ||

Não faz muito tempo, apoiamos intensamente o sr. | Manoel de Oliveira Sala em suas pretensões de ascender | ao cargo de vereador deste município, no qual representaria os anseios de nossa população. Tivemos razão ao | fazê-lo, pois a expressiva votação conseguida pelo sr. | Sala naquela oportunidade provou que dezenas de milhares de pessoas julgavam, como nós, que aquele candidato, engajado na oposição, representava o que queríamos. ||

Posteriormente, voltamos a apoiar o sr. Sala em sua | candidatura a deputado e voltamos a acertar, pois dezenas de milhares de votos depositados nas urnas a favor | daquele candidato demonstraram que o povo, tal como | nós, acreditava que o sr. Sala seria um bom representante nosso junto aos poderes estaduais. ||

É preciso esclarecer que aquelas dezenas de milhares de eleitores que o elegeram, votaram em um político | ativista, de oposição feroz ao governo da época e | com seus princípios calcados nas bases deste bairro. ||

Foi este o homem que elegemos na pessoa do sr. | Manoel de Oliveira Sala, em 1972, 1974 e 1978. ||

Posteriormente, aquele deputado passou-se para o | partido do governo, deixando seus eleitores e representantes sem explicações desta atitude. Passou a utilizar | sua energia na defesa dos governantes da época, chegando a trocar socos com

oposicionistas em plenário. | Em suas atitudes de defesa do poder de então, tangen- |
ciou a falta de compostura parlamentar. ||

Então, como representante da situação, voltou a pos- | tular o cargo de deputado
estadual. ||

Este jornal, à força de acompanhar atividades poli- | ticas, formou uma equipe de
especialistas, alguns dos | quais com teses versando sobre política. Foi esta mesma |
equipe que começou a detectar o divórcio entre os an- | seios da população de Vila
Prudente e as atitudes do | sr. Sala. Durante sua gestão parlamentar, sentiu-se ni- |
tidamente, que já não representava aqueles que tinham | depositado nele a confiança de
seus votos. Coerente- | mente, este jornal também não lhe deu apoio. ||

Foi então, no último 15 de novembro, que os elei- | tores da região, utilizando a
voz de seus votos, realiza- | ram uma verdadeira cassação do mandato daquele par- |
lamentar. Retiraram dele a autorização que tinha para | falar pela população. ||

Como este editorial pretende ser objetivo, não va- | mos fazer menção a boatos
de colocação de familiares | em empregos públicos muito bem pagos nem aos mur- |
múrios sobre a ascensão econômica da família daquele | parlamentar. Vamos, isto sim,
atribuir sua queda à sua | atuação enquanto representante de nossa população. ||

O povo não é burro; o povo sabe votar; o povo sabe | escolher e pensa muito
bem na hora de exercer suas | opções. O povo está sim preparado para a democracia. ||

Foi isto o que aconteceu. ||

Uma população que sabe se esclarecer escolheu | outros homens com outros
princípios e outros compor- | tamentos para representá-la. ||

Que fique aqui a lição aos eleitos. ||

Eles foram escolhidos dentro de uma plataforma que | deve ser cumprida. Em
seus mandatos parlamentares, | devem esforçar-se ao máximo para representar bem os |
interesses da nossa população, esquecendo-se de defen- | der posições pessoais ou
familiares. E, principalmente, | jamais deverão pensar em bandear-se para o lado dos |
poderosos do momento. ||

Os votos que os elegeram não vão bandear-se com | eles. ||

Quando a representação que o povo concede é traí- | da, o mínimo que pode
acontecer é o que acaba de | ocorrer com o sr. Manoel de Oliveira Sala. O povo de- |
sautorizou-o. ||

O Parque. São Paulo, março de 1983, p. 02.

Depois do Carnaval eu vou criar juízo

Novamente aproxima-se o reinado de | Momo. ||

Serão quatro dias de arrasar, e a indústria | do carnaval funciona a todo vapor.
Em | contrapartida, o restante de nossa vida | entra em estado letárgico. ||

Entre marchas e xaxados, de norte a sul, a | vida vai-se complicando, numa terra
que | precisa de trabalho para conseguir | sobrepujar as dificuldades. Incentivam-se o |
ócio e a diversão efêmera, a libertinagem e | a ilusão de alegria. Nós bem que |
poderíamos realizar essa festa para “**inglês | ver**”, mas é absolutamente incoerente que |
todos nós entremos na “**gandaia**” e | depois restemos numa anual quarta-feira | de
cinzas de dificuldades. ||

Todos devem estar cientes de que os | políticos podem fazer bem pouco pelo |
País; afinal quem trabalha somos nós, e | essa nova safra política que aí está vai ser |
mais desunida e conflitante que qualquer | outra anterior. ||

Resta a alternativa de trabalharmos mais e | reclamarmos menos. No mínimo |
prometermos a nós mesmos que depois do | carnaval vamos criar juízo. ||

Nosso Jornal. São Paulo, julho de 1984, p. 02.

Somos os primeiros e contamos com você

Há muito tempo que a nossa região necessita | de um jornal, de uma imprensa popular que | se posicione politicamente diante dos fatos | que nos cerca e influem em nossas vidas, muitas | vezes direcionando-as para lá e para cá. A perife- | ria de São Paulo em toda a sua existência, sempre | foi esquecida pelos poderes públicos, pelos polí- | ticos que só aqui vêm em épocas de eleições e | inaugurações de obras. ||

Os nossos pedidos são engavetados e quando | saem das gavetas seguem uma burocracia inter- | minável. Quando vamos falar com fulano de tal, | tem que marcar uma audiência um mês antes, quando | vamos falar então tomamos um chá de cadeira, | isso quando não somos recebidos pela polícia. Do | governo Federal então nem se fala, os BNHs, os | INAMPS, a Polícia Federal que anda prendendo | trabalhador e estudantes, com esses não há diá- | logo.

Estamos aqui, não só para tentar cobrir esta | lacuna de irmos aos poderes públicos, mas tam- | bém para podermos discutir as questões que di- | zem respeito a juventude que talvez sinta no es- | pírito uma dor maior por não ter o que fazer. A | cultura aonde está? Somos massacrados dia e | noite pela televisão com os enlatados. Teatros? | ah! ah! Aonde andam as “casas de cultura”. | Não tem nada não, senhores responsáveis pela | cultura, mesmo sem vocês continuamos produ- | zindo nos fundos dos quintais. Escolas, vagas, | cadê? mas mesmo que existissem temos que tra- | balhar desde os 10, 12 anos para ajudar a famí- | lia. É assim vai a nossa juventude, sabe Deus | para onde. E aquela família que paga aluguel, | aquela outra do cortiço outra então da favela, só | impostos para pagar, água, luz e tantas outras coi- | sas. Teríamos tanto assunto pra abordar, fica | pro próximo número. O **Nosso Jornal** está aqui | não para

resolver, somos filhos da mesma situa- | ção, queremos gritar. Vai resolver? Não sabe- | mos, mas o grito não fica na garganta. ||

O Cerqueira César. São Paulo, 10 de março de 1991, p. 02.

Inundações até quando?

A cada chuva mais forte, | mais e mais se evidenciam os | problemas de infraestrutura | de São Paulo. Até mesmo | regiões tidas como consoli- | dadas neste aspecto mere- | cem reparo. E não são só as | chuvas, existe muitas outras | questões que requerem o | olho vigilante de uma admi- | nistração competente. ||

Estudos recentes, feitos | por empresa contratada pela | própria Prefeitura, dão conta | de que nossas galerias de | águas pluviais ou canali- | zação de córregos, entre as | quais, verdadeiras obras de | arte, estão obsoletas ou em | estado de completo abando- | no. Não existia sequer um | mapa dessas galerias. Esta- | mos falando do centro de São | Paulo, imagine-se o que deve | ocorrer na periferia. ||

São Paulo foi uma cidade | que cresceu desordenada- | mente, sem que as sucessivas | administrações se | preocupassem com os | problemas do sub-solo. | “Obras enterradas não dão | dividendos eleitorais”, é a máxima. | cremos que proble- | mas como deslizamentos de | morros, inundações com | mortes e outros danos | também não os dão. ||

De mais a mais, as inunda- | ções não são provocadas ape- | nas pela insuficiência de | nossa rede de galerias | pluviais, há também o | problema da coleta mal feita | de lixo, há a falta de | civilidade de grande parte | da população que coloca lixo | na rua fora de horário ou mal | embalados, o que provoca o | entupimento das bocas de | lobo e, em consequência, i- | nundações. Há ainda o pro- | blema de obras mal feitas por | empreiteiras, sem a necessá- | ria fiscalização dos órgãos | públicos competentes, o que | suja e esburaca a cidade, pro- | vocando um verdadeiro | caos. ||

O que ressalta de tudo isto | é que a Prefeitura não está | cumprindo sua tarefa
mais | elementar, que é a de manter | em funcionamento a infraes- | trutura já existente, e
não está | correspondendo às novas exi- | gências da Cidade. ||

Uma cidade como São | Paulo não pode continuar | com ruas sujas como estão, |
sem que os órgãos responsá- | veis tomem alguma provi- | dência, seja executando
corre-| tamente o serviço de limpeza, | seja punindo os responsáveis | pela sujeira. Da
mesma forma, | a cidade não pode continuar | esburacada como está. ||

Além de tais servicinhos, | cujas taxas são cobradas reli- | giosamente, a
Prefeitura deve | também investir na moderni- | zação de todo o complexo de |
escoamento de água da cida- | de, sob pena de termos a cada | chuva, tragédias maiores.
||

O Cerqueira César. São Paulo, 25 de setembro de 1991, p. 02.

Desperdício de Energia

O fato de as pessoas comuns estarem interessadas em denunciar, através dos vários meios à sua disposição, o desperdício de bens essenciais como energia elétrica e água provocado por órgãos públicos, mostra que o contribuinte hoje não é mais um ser passivo, mas se interessa pelo destino do seu dinheiro e o bem estar coletivo. Ele sabe que disto, dependerá o seu próprio conforto. || Exemplo disso é a denúncia feita contra a escola Celso Leite Ribeiro, que deixa suas luzes todas acesas durante a noite e até mesmo em finais de semana e período de férias escolares. Este não é o único caso, a mesma denúncia já foi feita contra a Câmara Municipal e o prédio do Ministério da “Economia”. ||

As alegações para isto são orientação oficial por medidas de segurança e até mesmo trabalho noturno de alguns funcionários. Ora, se a questão é segurança, bastaria deixar algumas luzes do lado de fora do prédio acesas e algumas estrategicamente acesas dentro, nunca todas. Aliás, com todas as luzes acesas, os encarregados pela segurança ficariam expostos na claridade, enquanto os supostos invasores estariam à sombra. É o contrário, portanto. ||

Quanto ao trabalho noturno, não consta que existam funcionários trabalhando em todas as salas desses prédios. Se algum funcionário realmente exerce trabalho noturno, basta que somente a sala onde ele esteja fique iluminada, como bem argumentou a leitora Ana Velba. ||

Em um país, cujo sistema energético está entrando em colapso, e o governo move campanhas pelo rádio, jornal e televisão, pedindo que a população poupe

energia, | é um contrasenso que órgãos | do próprio poder público se- | jam os primeiros a desperdi- | çar. Aliás, esta não é a primei- | ra vez que isto acontece, du- | rante o Governo Montoro, | houve uma grande seca, que | baixou assustadoramente o | nível dos reservatórios, o | governo também pediu eco- | nomia e chegou a racionar | água, mas as escadarias do | Palácio do Bandeirantes | jamais deixaram de ser lava- | das. ||

Se é uma orientação oficial | que todas as luzes fi- | quem acesas em prédios pú- | blicos, esta orientação deve | ser revista em nome da auste- | ridade administrativa. Se a | orientação é para que fiquem | parcialmente acesas, os res- | ponsáveis pelo desperdício | deveriam ser punidos exem- | plarmente. O que não pode é | prevalecer a atual situação. ||

Se a época é de vacas ma- | gras e esqueléticas, se é exigi- | do sacrifício e austeridade, | isto tem que ser para todos e | não apenas para o pobre con- | tribuinte, que, além de tudo, é | quem paga a conta. ||

5.2 Editoriais da imprensa paulistana de bairro

Período: século XXI (foco: primeiro decênio do século XXI)

Fonte: Jornal Nosso Bairro, Folha, SP Norte

Edição: Paulo Roberto Gonçalves Segundo (FFLCH-USP)

Sumário:

1. <i>Jornal Nosso Bairro. São Paulo, 15 a 21 de julho de 2006, p. 02.....</i>	<i>p. 02</i>
2. <i>Jornal Nosso Bairro. São Paulo, 29 de julho a 4 de agosto de 2006, p. 02.....</i>	<i>p. 03</i>
3. <i>Jornal Nosso Bairro. São Paulo, 12 a 18 de agosto de 2006, p. 02.....</i>	<i>p. 04</i>
4. <i>Jornal Nosso Bairro. São Paulo, 26 de agosto a 1 de setembro de 2006, p. 02... </i>	<i>p. 05</i>
5. <i>Jornal Nosso Bairro. São Paulo, 9 a 15 de setembro de 2006, p. 02.....</i>	<i>p. 06</i>
6. <i>Jornal Nosso Bairro. São Paulo, 29 de setembro a 6 de outubro de 2006, p. 02. </i>	<i>p. 08</i>
7. <i>Jornal Nosso Bairro. São Paulo, 14 a 20 de outubro de 2006, p. 02.....</i>	<i>p. 09</i>
8. <i>Folha. São Paulo, 03 a 09 de novembro de 2006, p. 02.....</i>	<i>p. 10</i>
9. <i>Jornal Nosso Bairro. São Paulo, 4 a 10 de novembro de 2006, p. 02.....</i>	<i>p. 11</i>
10. <i>Folha. São Paulo, 01 a 07 de dezembro de 2006, p. 02.....</i>	<i>p. 12</i>
11. <i>Jornal Nosso Bairro. São Paulo, 2 a 8 de dezembro de 2006, p. 02.....</i>	<i>p. 13</i>
12. <i>Folha. São Paulo, 08 a 14 de dezembro de 2006, p. 02.....</i>	<i>p. 14</i>
13. <i>Jornal Nosso Bairro. São Paulo, 16 a 22 de dezembro de 2006, p. 02.....</i>	<i>p. 15</i>
14. <i>Folha. São Paulo, 02 a 08 de fevereiro de 2007, p. 02.....</i>	<i>p. 16</i>
15. <i>Folha. São Paulo, 02 a 08 de março de 2007, p. 02.....</i>	<i>p. 17</i>
16. <i>SP Norte. São Paulo, 30 de março a 05 de abril de 2007, p. 02.....</i>	<i>p. 18</i>
17. <i>SP Norte. São Paulo, 20 a 26 de abril de 2007, p. 02.....</i>	<i>p. 19</i>
18. <i>SP Norte. São Paulo, 04 a 10 de maio de 2007, p. 02.....</i>	<i>p. 20</i>
19. <i>Folha. São Paulo, 18 a 24 de maio de 2007, p. 02.....</i>	<i>p. 22</i>
20. <i>SP Norte. São Paulo, 18 a 24 de maio de 2007, p. 02.....</i>	<i>p. 23</i>
21. <i>Folha. São Paulo, 08 a 14 de junho de 2007, p. 02.....</i>	<i>p. 24</i>
22. <i>SP Norte. São Paulo, 15 a 21 de junho de 2007, p. 02.....</i>	<i>p. 25</i>
23. <i>SP Norte. São Paulo, 06 a 12 de julho de 2007, p. 02.....</i>	<i>p. 27</i>

Contornos eleitorais

Urbano Lemos

Mais uma vez a cidade de São Paulo foi alarmada com as | terríveis ondas de ataques provocadas por facções criminosas. | Os ataques em sua maioria tiveram como alvo, transportes | públicos e estabelecimentos comerciais. || Segundo balanço divulgado pela Secretaria de Seguran- | ça Pública do Estado, entre a noite de terça e a madrugada | de quarta aconteceram 48 ataques e 5 tentativas mal-suce- | didas em 18 cidades em todo o estado. || Os fatos existem, muitos não entendem a recusa do nosso | excelentíssimo governador Cláudio Lembo (PFL) da ajuda para | conter a onda de violência que atinge o estado desde maio. O | presidente Luís Inácio Lula da Silva afirmou durante coletiva | que essa oferta foi feita no primeiro atentado, logo na primeira | chacina, mas o nosso governo com muita gentileza recusou, | disse apenas que não era necessário. || Mas se a cada novo dia, a cada nova remoção de presos, | surgem novos atentados, prejudicando principalmente pessoas | inocentes que precisam de transporte e segurança pública. || Sabemos que uma intervenção federal, vinda do PT, a um | Estado tradicionalmente comandado pelo PSDB seria um pas- | so político e arriscado, com efeitos eleitorais negativos. Lembo | assumiu justamente no lugar de Geraldo Alckmin, que renun- | ciou para disputar a Presidência pelo PSDB. || É uma pena que os interesses partidários, políticos e pés- | soais estejam mais em evidência do que os interesses da po- | pulação, pois uma medida drástica e de pulso firme deveria | ser tomada, a favor do povo. É necessário lembrar destes | contornos políticos para não pagarmos o preço do descaso.

Saudade é para lembrar

Urbano Lemos

Saudade é um sentimento? É um pensamento? Uma lembrança? | Não sei, mas sei que dói e dói muito... Quem nunca sentiu uma | saudadezinha? Todo ser humano que “vive” sente saudades, não im- | porta do que ou de quem, mas sente... No fundinho, sempre sentimos. | Não importa, ela está lá, sempre presente... || Muitas vezes, ouço pessoas falarem de um determinado assunto | ou pessoa com saudade, o que particularmente acho maravilhoso, | mas também ouço pessoas falarem de pessoas e assunto pensando | que têm saudades, mas na verdade não vejo como saudade, mas| sim uma vontade de voltar ao tempo para poder mudar uma deter- | minada situação. || Sabe aquela pessoa que passou por nossas vidas, tanto nos mos- | trou, nos ensinou, por vezes brigou chorou com a gente, e por um | motivo qualquer, nunca mais a vimos, nunca mais falamos, - e olha | que não se falar, hoje, com tanta tecnologia a nosso favor é difícil! | Essas pessoas que por qualquer motivo se perderam de nossas vidas, | tantas vezes pessoas tão importantes, tão afetuosas, tão verdadei- | ras e tão amigas! Dá uma saudade... Sem falar daquelas que estão | tão perto e, na verdade, tão longe. || Muitas vezes, sabemos as respostas, outras não, mas a tal da | saudade fica lá nos corroendo e mesmo assim não tomamos uma | atitude! Sentir saudade de pessoas queridas que já se foram fazem | parte de nossas vidas e é até mesmo saudável... As recordações... São | tão boas!!! Sentir saudade de nossa infância, da comidinha de nossa | infância, de nossa escola, de nossas professoras, sentir saudade de | nossa adolescência – sem querer mudá-la... || O fato é que muitas pessoas deixam saudades. | No último dia 18, o ator Raul Cortez nos deixou. Mas deixa um legado e uma história | que será para sempre lembrada. Esta semana como matéria especi- | al temos uma mostra de saudade que é para ser lembrada: Uma | escola estadual batizada com o nome do ator que tanto contribuiu | com a dramaturgia brasileira. || Por fim, penso que devemos sempre que possível matar a saúda- | des. Seja como for, o importante mesmo é lembrar que a saudade | existe é deve ser lembrada, com carinho e emoção.

Ser pai

Urbano Lemos

Ser pai é mais do que parece. || Ser pai é mais do que “gerar” um filho, mais do que transmi- | tir seus genes para a posteridade, antes de tudo é uma missão, | a missão de ensinar seus filhos a serem melhores, e melhores | que nós mesmos. Fazer um mundo melhor, mais humano, mais | justo. Cada atitude é mais do que um simples falar, é uma lição | de vida, de carinho e de amor. || Ser pai começa antes de gerarmos um filho, é uma vocação que | nasce conosco, nas atitudes da vida inteira construímos ser pai, e | o pai pode ser até quem não é pai, propriamente dito. Tem pai que | é pai por criar os filhos dos outros ou cuidar de uma comunidade | como um verdadeiro pai. Quem tem a vocação de pai, pode ser | padre, pode não ser pai natural, mas ele será pai, alguns vão ado- | tar filhos, outros vão orientar outros e quem não o fizer, vai negar | a si mesmo. Quem tiver esta vocação e deixá-la crescer dentro de | si, vai ser pai de uma maneira ou de outra. || Não é fácil ser pai. Ser pai é estar presente, ser presente, custe o | que custar: dinheiro, esforço, tempo. Não interessa como, precisamos | participar da vida dos “filhos”, sem isto é impossível ser pai. Estar lá | quando necessário é o mais importante para os filhos, é assim que | eles sabem que nós os amamos. É não deixar que nada neste mundo | possa nos separar. Por isso, neste domingo dia dos pais abrace quem | sempre esteve ao seu lado quando você mais precisou. Não precisa | ser realmente um pai, mas uma pessoa especial que esteve presente | e ensinou que pai é mais do que parece ser.

Segredo da vida

Urbano Lemos

Nada como comemorar... || Comemorar no real sentido da palavra é festejar algo, dividir | com os outros a idéia de um nascimento, de uma celebração ou sim- | plesmente o início de uma nova atividade pessoal ou profissional. || O que seria de nossas vidas sem a comemoração? || Fiz-me esta pergunta na última quinta-feira (24), data de come- | moração aos 52 anos do Mercado Municipal da Lapa. Naquele mo- | mento, cercado por inúmeras pessoas de diferentes locais, profissões | e idades — pessoas diferentes e ao mesmo tempo tão parecidas — | percebi que um dos diversos “segredos da vida” é a comemoração. || Certa vez, li sobre a história do significado do bater das palmas – sim | as palmas do tradicional “Parabéns pra você”. Na passagem o escritor | descrevia as palmas como algo milenar, usado pelo seres mortais para | invocar os deuses na antiga Grécia. Os gregos antigos enxergavam vida | em quase tudo que os cercavam, e buscavam explicações para tudo. | Bastava ler os sinais da natureza, para conseguir seus objetivos. || A história ultrapassou o tempo e faz-se presente nas ocasiões mais im- | portantes e festivas, mostra sua força e sua linguagem representativa. || Mas, atualmente não há tanto espaço para comemorações. Vive- | mos cercados de anseios e dúvidas que muitas vezes, fazem com | que acontecimentos únicos sejam simplesmente deixados de lado. | Devemos comemorar a vida.¹Comemorar desde a fatia de bolo até as | velas acesas e pelo vento apagadas. || Esta edição tem o propósito de reavivar o conceito e a prática de | comemorar. Nesta semana retratamos um pedaço deste valoroso e | magnífico “segredo da vida” — a comemoração quase que simultânea dos aniversários do Mercado da Lapa e da Universidade Católi- | ca (PUC) que completou 60 anos na última terça-feira. || Contudo, a comemoração se faz necessária e se preciso for ante- | cipe-a. Comece hoje mesmo a sua comemoração particular, pois | certamente este é um dos segredos da vida.

¹ Não há espaçamento na versão original.

Pátria amada

Urbano Lemos

Brava gente brasileira || Longe vá temos servil || Ou ficar a Pátria livre || Ou morrer pelo Brasil; || Ou ficar a Pátria livre, || Ou morrer pelo Brasil.² || O conceito de Pátria traz implícita a idéia de unidade. | A solidariedade orgânica, assegurada pelo Estado-Nação, | cimenta a unidade entre todos os cidadãos. Infelizmente, | com toda a disparidade econômica e social que assola o | Brasil e tantos outros países, muitas pessoas se sentem | deslocadas – e com razão -, como se muitas vezes não fizes- | sem parte de suas respectivas Nações. || Por vezes, escândalos políticos, violência nas ruas, de- | semprego, miséria, desigualdade social, altos impostos e | outros, invadem diariamente os noticiários e nos fazem | insistentemente lembrar que a independência ainda não | foi alcançada. A comemoração deste dia visa o despertar | da consciência do povo e seu desejo de reivindicar a Pá- | tria como patrimônio seu, e não apenas inescrupulosa e | indiferente à formação da solidariedade orgânica entre os | brasileiros. Símbolo de reflexão e de resgate de nossa Histó- | ria, o 7 de setembro deve ser o momento de avaliação dos | erros e acertos do passado, de análise do presente e de suas | perspectivas para o futuro. || Como a um filho, com todos os seus imponderáveis de- | feitos e dificuldades, devemos sempre amar a Nação que | nos alimenta e ensina. Os símbolos nacionais são o retrato | vivo do Brasil, de nossa terra e de nossa gente. A Bandeira | e o Hino, o Brasão de Armas e o Selo Nacional são as mais | legítimas manifestações simbólicas de nossa União – um | milagre constituído com a perseverança das inteligências patriotas, o suor dos humildes, o sangue dos heróis e o | sacrifício das gerações passadas. || Contudo, nesta semana, a comemoração da indepen- | dência foi na quinta-feira, e aproveitamos para reafirmar | os nossos compromissos com a seriedade dos fatos e a res- | ponsabilidade editorial. O dia da Pátria neste momento | deve ser comemorado e lembrado para que no futuro nos- | sa pátria amada seja curada de todas as chagas que seus | filhos cometeram em prol privado. || Parabéns, ó! Brasileiros! || Já,

² No original, trata-se de uma estrofe de seis versos. Reproduzimos o trecho aqui, delimitando com || o final de cada verso.

com garbo varonil, || Do universo entre as nações || Resplandece a do Brasil || Do universo entre as nações || Do universo entre as nações || Resplandece a do Brasil.³

³ No original, uma estrofe de sete versos.

Olho no voto

Urbano Lemos

Chegou a hora. E é agora! || Neste domingo, vamos dar força a expressão democracia. Vamos | todos as urnas para mais uma vez decidirmos os rumos do nosso Brasil. || A célebre palavra democracia significa um regime de governo | onde o poder de tomar importantes decisões políticas está com os | cidadãos (povo). Para usar uma frase famosa, democracia é o “go- | verno do povo para o povo”. || Mas, certamente, nessa eleição, a corrupção foi o tema principal | da disputa. Ficou claro que a nossa democracia é imperfeita, que | existem maus políticos e dinheiro irregular nas campanhas. São pro- | blemas que acontecem em outros países também. Mas é pelo voto que | os cidadãos ampliam, melhoram e aperfeiçoam a democracia. || Acontecimentos que tantas vezes ressoaram nos noticiários, des- | sa vez, são simplificados com a força do voto. Ao escolher seu cãndida- | to a deputado federal ou estadual — você pode estar ajudando a eleger | alguém em quem jamais votaria, como algum corrupto notório, | mensaleiro ou sanguessuga, desses tantos que ainda apostam no | voto para voltar, um exemplo disso é o voto na legenda. Ao votar na legen- | da, se favorecerá o partido e consecutivamente seus deputados. || Contudo, devemos ter “olho no voto”, pois ele é nossa arma no | combate da imoralidade pública e da corrupção neste país. Não pode- | mos reeleger quem está sendo investigado nas CPI’s e aqueles que | renunciaram para poder se candidatar novamente, ou em outras pa- | lavras, não cumpriram com a sua palavra em época eleitoreira. || Por isso, ninguém pode se omitir dessa decisão ou mesmo anular | o voto, que pode ser uma opção de raiva ou revolta, mas não é inte- | ligente, porque só vai baixar o limite para eleger, quem não se que- | ria escolher. Temos que votar de forma consciente e acompanhar | tais políticos hoje, agora e amanhã para garantir assim, o bom | andamento da nossa tão sonhada democracia.

Lapa – “Nosso Bairro”

Urbano Lemos

Lapa – 416 anos. Parabéns! || A Lapa comemorou na última quinta-feira (12), 416 anos | de muitas histórias. Ao mesmo tempo, festejou o feriado de | Nossa Senhora Aparecida e o Dia das Crianças. || Um bairro para guardar na lembrança – seja por seu | surgimento, no qual a comunidade se desenvolveu em tor- | no da imagem de uma santa em uma gruta (Nossa Senho- | ra) ou pelo seu desenvolvimento econômico com intensa mis- | cigenação cultural promovida por estrangeiros como: itali- | anos, portugueses, espanhóis, ingleses e sírio-libaneses. || A forma atual da Lapa começou a se desenhar no fí- | nal do século XIX, com os loteamentos que deram ori- | gem ao Grão Burgo da Lapa - que abrange a região onde | hoje está a Lapa de Baixo - e à Vila Romana. O loteamento | realizado pela Companhia City no início do século XX deu | origem ao Alto da Lapa. || Com tanta história presente no nascimento da Lapa, | aproveitamos a ilustre data para expressar o nosso com- | promisso com o bairro. Este bairro é “nosso”. Meu, seu e fu- | turamente dos nossos descendentes. Por isso, temos o dever | de zelar por ele de forma responsável e efetiva. || Com trabalho e dedicação conseguimos passar da Lapa | propriamente dita, para um lugar mais agradável de mo- | rar, a City Lapa, com suas ruas largas, residenciais por ex- | celência, e contribuímos para o verde desse lugar plantan- | do pequenas árvores que hoje tem alturas apreciáveis. || Mas nem tudo é festa. Muitas empresas da região utili- | zam o nome - Lapa - para se esconder das verdades, ocul- | tando assim sua verdadeira intensão: a exclusividade, a do | capital ou na maioria das vezes a política suja. || Por isso, nesta data tão especial, aproveitamos para rea- | firmar o nosso compromisso com a ética e a seriedade na | cobertura dos fatos. Nossa missão é resgatar os passos his- | tóricos traçando assim, um presente real e um futuro ainda | mais apropriado para a comunidade. Parabéns a todos que | de uma forma ou de outra contribuem com o bairro da Lapa. | Parabéns Lapa. “Nosso Bairro”.

Chuvas⁴

Um dia depois da Prefeitura anunciar o Plano Pré-ventivo de Defesa Civil — Verão 2006|2007, caiu o primeiro dilúvio da nova temporada de chuvas na Vila Prudente — pelo menos, a rua José Zappi, onde fica a sede deste jornal, alagou. O anúncio oficial do plano aconteceu na tarde da terça-feira, dia 31, na própria Prefeitura, com a presença do prefeito Gilberto Kassab, do secretário de Coordenação das Subprefeituras, Andrea Matarazzo, e do coordenador da Defesa Civil, coronel Jair Paca de Lima. As medidas preventivas que foram implementadas já do dia 1º se estendem até 15 de abril. Pela previsão do Centro de Gerenciamento de Emergência (CGE), os paulistanos vão sofrer. No próximo verão, o volume de chuvas pode ser de 30% a 50% acima da média registrada dos anos anteriores. Segundo estimativas da Prefeitura, cerca de 15 mil pessoas estarão mobilizadas para prestar socorro à população. Treinar agentes para socorrer só é válido quando não há solução para evitar que o problema ocorra — como é o caso de São Paulo. O prefeito declarou que “a Prefeitura se considera preparada adequadamente, dentro das nossas possibilidades orçamentárias, para enfrentar as adversidades do período de chuvas fortes”. É justamente a questão da ‘possibilidade orçamentária’ que preocupa a população. Na região da Vila Prudente, que vira uma espécie de ‘Veneza’ a cada temporal, sabemos que a solução do problema depende, acima de tudo, de verba, seguida de vontade política — nos últimos anos faltaram os dois recursos. Medidas paliativas — justamente como as anunciadas pela Prefeitura: limpeza de bocas de lobo, de córregos, etc — ajuda, mas, nem de longe resolvem a situação dramática de parte da população local. O lixo e o entulho despejados ilegalmente pelas ruas agravam o problema das cheias. Mas, se detiver nestas questões, é desprezar a inteligência do cidadão. Todos sabem que sob a rua José Zappi e a avenida Anhaia Mello, por exemplo, passam galerias que não comportam mais o volume de água que recebem a cada chuva mais forte. Não é com limpeza de boca de lobo que o problema será extinto. Empenho, inteligência, dinheiro e obras dariam muito mais resultado. O recado está dado.

⁴ O texto original está publicado, na íntegra, em itálico.

Liberdade abalada

Urbano Lemos

Dois fatos contra a imprensa, registrados nesta semana, devem ser repudiados pela sociedade brasileira. O primeiro envolve três jornalistas da revista *Veja* que teriam sido intimidados, pressionados e constrangidos pelo delegado da PF (Polícia Federal), Moysés Eduardo Ferreira, e precisa ser apurada e condenada pelos poderes constituídos para que a liberdade de imprensa e expressão no Brasil não seja ameaçada. A reportagem publicada em outubro relatava uma operação montada pela cúpula da PF para tentar abafar o caso do dossiê, que envolvia membros do comitê eleitoral de Lula e de Aloizio Mercadante. E o segundo está ligado ao governador do Paraná, Roberto Requião, que se referiu a jornalistas e empresas de comunicação, em entrevista coletiva após sua reeleição, em tom grosseiro, desrespeitoso, e teria procurado criar um clima de hostilidade contra a imprensa. || Os dois acontecimentos foram repudiados pela ANJ (Associação Nacional de Jornais). O repúdio apresentado pela ANJ deve ecoar em todos os lugares que preservam a democracia e a liberdade do cidadão, princípios que constam na Constituição Federal. || Estes fatos servem de alerta ao país, para que não se repitam e haja o respeito à opinião e ao posicionamento de cada mídia. | Um sinal que deve preocupar os defensores da liberdade, principalmente depois que o presidente nacional do PT, Marco Aurélio Garcia, defendeu que a imprensa faça “uma ‘auto-reflexão’ sobre a forma como havia noticiado o escândalo do mensalão”. || Estes atos de perseguição à imprensa são perigosos para a estabilidade política nacional e servem como advertência para toda a sociedade, afinal um país sem imprensa livre é um país sem democracia. Pelos registros, os políticos brasileiros devem rever seus pontos de vista. Quem sabe, assim, a democracia não sofra nenhum tipo de abalo sísmico.

15 anos⁵

Fundada e desenvolvida dentro de princípios pro- | fissionais e tendo como metas a defesa da comunida- | de e o acompanhamento rigoroso do trabalho de lide- | res e instituições locais, a **Folha** completou nesta se- | mana seu 15º aniversário de existência. Datas como | esta nos levam a fazer um balanço de nossas ações, | aquilatar o quanto realizamos e aquilo que por ventu- | ra deixamos de fazer, seja por incapacidade técnica ou | material, como por limitações que o próprio veículo | nos impõe. E, a rigor, podemos dizer com segurança, | que a **Folha** tem um saldo absolutamente positivo de | suas ações, tanto que hoje é o órgão de comunicação | mais respeitado na comunidade e um dois mais im- | portantes jornais regionais da cidade. || Pluralista, apartidária, democrática e principalmen- | te independente, a **Folha** não pertence a grupo empre- | sarial, não é braço de comunicação velada de políti- | cos e tampouco extensão de igreja ou fé religiosa. Nos- | sos únicos compromissos estão ligados a verdade, aos | leitores e anunciantes. Pode até parecer simples e nor- | mal este procedimento. Não é. E isso tem nos custado | feridas profundas, concorrência desleal e uma luta sem | quartel que se renova diuturnamente. Em algumas trin- | cheiras opostas, acantonam-se políticos inescrupulo- | sos que gostariam de ter uma imprensa amordaçada e | chapa branca. Há outros que fazem jornal por diletan- | tismo, vaidade ou interesses políticos e empresários de | comunicação sem a devida ética para concorrer num | mercado livre. || Uma avaliação mais isenta da **Folha** pode ser feita | por qualquer dos editores e jornalistas que por ela pas- | saram. Com certeza, todos irão testemunhar a líber- | dade que tiveram e, se, eventualmente alguma reco- | mendação receberam da direção do jornal, foi exata- | mente sobre conceitos éticos que regem nossas ações. | O que era um projeto utópico 15 anos atrás, transfor- | mou-se em realidade. Fincamos raízes e somos uma | voz respeitada da comunidade pela seriedade que en- | caramos nossa missão. Com esta base e princípios, e | o apoio dos leitores e anunciantes, deslumbramos com | otimismo os próximos anos.

⁵ O texto original está publicado, na íntegra, em itálico

O começo do fim

Urbano Lemos

Dezembro é o décimo segundo e último mês do ano no Calendário | Gregoriano, tendo a duração de 31 dias. *Dezembro* deve seu nome à | palavra latina *decem* (dez), dado que era o décimo mês do Calendá- | rio Romano, que começava em Março. || Um mês que marca diversos rumos e trajetórias da humanidade. | Em dezembro temos o início do verão, a época do ano ideal para viver | ou reviver os bons momentos. O mês de dezembro, além disso, | inicia-se com uma data bastante significativa: O Dia Mundial da Luta | contra a AIDS. No dia 1º, o mundo une forças para a conscientização. || Mas definitivamente o maior símbolo do mês de dezembro é o Natal | e o fim de ano. E é neste clima de Natal que o *Jornal Nosso | Bairro* apresenta o jornal desta semana. A partir desse sábado, a | cidade de São Paulo inicia os preparativos para o Natal deste ano. | Árvores gigantes, prédios públicos iluminados, show das “fontes | dançantes” no Parque do Ibirapuera, decoração nos shoppings e | nas ruas, tudo para receber a festa popular mais antiga e famosa | do mundo: O Nascimento de Jesus Cristo. || Por isso e por tudo o que esta data do ano representa para | todos, façamos do Natal uma atitude permanente e não uma fes- | ta com hora e dias marcados. Que a verdadeira “Estrela de Belém” | brilhe em nós, reformulando-nos, fazendo-nos redescobrir a raiz | mais profunda de nossa humanidade para que possamos ver o | nosso semelhante a partir de nossa própria imagem. Pois este é o | começo do fim. É o início do último mês do ano.

Justiça (?) e reflexão⁶

Nesta semana, a Justiça brasileira condenou a doméstica Angélica Aparecida Souza Teodoro, de 19 anos, que tentou roubar um pote de manteiga para dar com pão ao filho de dois anos que chorava de fome. O fato aconteceu em novembro do ano passado na Zona Leste da cidade, foi registrado como tentativa de roubo e na época, a mãe — que não tinha antecedentes criminais — chegou a ficar detida 128 dias, tendo a liberdade negada quatro vezes pela Justiça. O caso teve grande repercussão na imprensa e a opinião pública, em geral, se mostrou solidária à mãe — embora, é preciso ficar claro, que ela chegou a cometer um crime previsto de punição pela lei. || Nos últimos dias, também foi anunciado que a babá Érika Oliveira, com a mesma idade de Teodoro, pegou dois anos de detenção pela acusação de torturar uma criança portadora de síndrome de Down em Minas Gerais. Ela está presa desde o início de outubro, depois que os pais da menina, na época com um ano e nove meses, conseguiram flagrar o crime instalando uma câmera na sala da casa. || As cenas foram amplamente divulgadas pela imprensa e chocaram. || Os advogados de ambas avisaram que vão recorrer e as sentenças podem até ser alteradas, mas, por enquanto, os dois casos servem para escancarar a fragilidade da chamada ‘justiça dos homens’. || É compreensível que um juiz não inocentasse totalmente a doméstica que tentou roubar para almentar o filho — até para o ato não incentivar noutros casos, mas, condenar a mesma a ficar quatro anos atrás das grades, em meio a outras pessoas perigosas, chega a ser inexplicável. Além de ser mais uma pessoa saturando os presídios do Estado, foi totalmente ignorada a questão das chamadas penas alternativas (como a prestação de um serviço comunitário), tão defendidas nos dias atuais quando já está mais do que comprovado que o sistema penitenciário não ‘salva’ ninguém da marginalidade — pelo contrário. Por outro lado, que exemplo pretende dar o juiz do caso da babá? Agredir uma criança, ao que parece, pelo menos para a Justiça, não é um fato tão grave assim — pior é tentar roubar um pote de manteiga. A grande disparidade de julgamentos de dois profissionais das leis chega não apenas a indignar, mas, também assustar.

⁶ O texto original está publicado, na íntegra, em itálico

Então... Bom Natal!

Urbano Lemos

Há poucos dias estaremos comemorando o aniversário | de nascimento de Jesus Cristo e a virada de mais um ano | em nossas existências. E quando falamos em Natal, logo | vem à cabeça uma música já interpretada por vários can- | tores. “Então é Natal, e o que você fez. O ano termina e | nasce outra vez... E então é Natal” Essa música retrata | tudo o que podemos dizer sobre o Natal. || Mas qual o real significado do Natal? O vocábulo Natal | deriva de Natividade, ou seja, referente ao nascimento de Je- | sus. Nas línguas anglo-saxônicas o termo utilizado é | Christmas, literalmente “Missa de Cristo”. Já na língua | germânica, é Weihnachten e têm o significado “Noite Bendi- | ta”. São inúmeras as denominações para descrever a festa | popular mais conhecida e celebrada em todo o mundo: o nas - | cimento do Messias (Cristo). || Atualmente, o significado mais forte para Natal é solidari- | idade. Com gestos simples podemos mudar vidas de várias | pessoas, sendo mais solícitos através da compaixão e da since- | ridade. Celebrar esta data apenas como uma lembrança e algo | incomum se olharmos para a quantidade de necessidades e | diferenças sociais existentes. Basta estender a mão para o pró- | ximo não esperando nada em troca, só assim, podemos real- | mente entender que Natal é vida e desejar-lhe boas vindas. || Para o próximo ano desejamos a todos os nossos leitores e | parceiros, muita paz, saúde e prosperidade. || Que a estrela do Natal brilhe e ilumine os nossos futuros passos e a | representatividade da neve derreta os nossos corações com | amor e solidariedade. Na vida tudo podemos, basta querer e | lutar. É só juntar forças e ir a luta. **Então... Bom Natal!**

Luta de todos⁷

Há quatro anos este jornal denunciou a contaminação por diversos poluentes químicos do terreno de 103 mil metros quadrados, situado na Mooca, e utilizado pela Esso Brasileira de Petróleo de 1945 a 2001. Quando a questão veio à tona, a Esso havia encerrado suas atividades naquele local e já iniciara o processo de descontaminação do terreno, com as operações supervisionadas pela estatal Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (Cetesb), obedecendo acordo firmado pela empresa petrolífera no Ministério Público. Embora a área esteja cercada de residências, prédios, clubes e intensa atividade comercial, tudo que dizia respeito à descontaminação era tratado em gabinetes, longe da maior interessada, a comunidade. A **Folha** levantou na época, que nem a Prefeitura estava ciente do problema. A impressão que se tinha é que estava em andamento uma grande transação imobiliária, que seria realizada tão logo a Cetesb liberasse a área, o que parecia iminente. Dentro do seu papel, o jornal começou a investigar a fundo o problema. Descobriu que por conta da inexistência de uma legislação específica para questões ambientais, por ocasião da instalação da Esso na Mooca, a empresa nunca havia sido penalizada pela contaminação do solo, do lençol freático e tampouco por, possível, dano à saúde de moradores das circunvizinhanças. Por mais de 50 anos enterrava-se na área toda a borra produzida na lavagem dos carros-tanques. Concomitante ao protesto que lavrou contra a Esso, a **Folha** passou a reivindicar que aquela área fosse desapropriada para implantação de um parque. Nada mais lógico e justo. Seria uma forma da multinacional Esso retribuir ao bairro tudo que havia feito de errado por mais de 50 anos. A idéia que a princípio foi chamada de quixotesca ganhou repercussão e força na comunidade e tem tudo para vingar. A experiência do jornal em questões semelhantes é positiva. O Parque Lúcia Natalizio Diogo em Vila Prudente é prova eloqüente disso. Mas para que o projeto frutifique e dê resultados é necessário que as forças vivas da comunidade — imprensa, entidades sociais, políticas, religiosas, culturais — se unam em torno da idéia,⁸ Agindo assim, estaremos legando aos pósteros um bairro digno de se viver e de conviver.

⁷ O texto original está publicado, na íntegra, em itálico

⁸ O texto original traz, de fato, uma vírgula no trecho em questão.

Solidariedade⁹

Em meio a tantas más notícias que infelizmen- | te dominam o cenário nacional, com assassina- | tos brutais de crianças e políticos cada vez mais | preocupados com si próprios, entre outros temas | corriqueiros que rondam o povo brasileiro, a | equipe de redação da **Folha** teve uma grata sur- | presa ao longo desta semana. Por telefone, e-mail | e carta recebeu todo tipo de oferta para auxiliar | uma senhora, residente na Vila Prudente, cujo | drama foi relatado em matéria da semana pás- | sada. Sozinha, sem familiares, foi vítima de der- | rame aos 89 anos. Foi liberada do hospital pú- | blico onde estava sem qualquer tipo de encami- | nhamento a um programa social específico. Em- | fim, não teria com quem contar se não existis- | sem pessoas como as vizinhas que se revezam | para lhe auxiliar ou, como descobrimos, os lei- | tores que entraram em contato com o jornal se | predispondo a doar horas do dia para ficar ao | lado da senhora, a ajudar a encontrar uma insti- | tuição que a abrigue, a buscar meios de cobrar o | poder público, ou seja, se colocando à disposi- | ção. Muitos ligavam e apenas manifestavam o | interesse de ajudar, pedindo inclusive, sugestões | de como poderia ser útil. || São situações como esta que nos trazem a es- | perança de que nem tudo está perdido. Mostram | que ainda há pessoas que se preocupam com o | próximo e mais do que isso, estão dispostas a | ajudar. Não ficam apenas no blá blá blá. Infe- | lizmente, não recebemos o mesmo respaldo do | poder público, apesar de existir uma unidade | específica para casos de assistência social, pre- | senciamos apenas falta de empenho e informa- | ções desencontradas, com raríssimas exceções. | Esperamos que os nossos leitores não se deixem | ‘contagiar’ pela burocracia paralisante de nos- | sos governantes e continuem espalhando o bem. | A todos aqueles que nos procuraram — inclusive | muitos ressaltaram que não queriam aparecer | no jornal — o nosso sincero obrigado.

⁹ O texto original está publicado, na íntegra, em itálico

Os riscos do Monopólio

Quando uma empresa monopoliza determinada situação mantendo domínio sobre um ou mais produtos ou serviços, assume um posto de domínio do mercado, impondo regras, muitas vezes, de interesse unilateral, pois não há concorrência de outras empresas para minimizar suas imposições ou índices de qualidade que permitam comparativos quanto a sua atuação. || Os monopólios podem se desenvolver quando não há, no mercado, substitutos para determinados bens ou serviços e o seu domínio esteja ligado a apenas um agente que os comercializa. || No mercado, o comerciante procura obter o máximo lucro e o comprador quer obter o bem ou serviço pelo menor preço, não havendo concorrência, pois não há outros fornecedores, não há como buscar preço ou qualidade ou demais atributos ligados às diferentes características do que o comprador pretende adquirir. Com a concorrência sadia, há equilíbrio e ausência de pressão sobre o preço dos serviços ou produtos oferecidos. || A partir dessa ótica, podemos avaliar a compra da Varig pela Gol e a situação em que ficam os serviços aéreos. Além dos problemas enfrentados nos últimos meses com os aeroportos, restringe-se mais a opção por uma ou outra companhia aérea. Não há muito que escolher, em relação a preço, atendimento, condições dos aviões, horários cumpridos e muito mais problemas que só aqueles que precisarem do transporte aéreo podem constatar. Será que, no futuro, com esta nova situação de mercado, teremos como reivindicar nossos direitos, mesmo não havendo muitas opções? || Esperemos que para sanar toda esta confusão aérea e terrestre que vem minando o País, não cheguemos ao ponto de não podermos escolher nem o nosso governo e, num monopólio de idéias, tornemos um povo neutro e apático, como já aconteceu em outros países, em que seus cidadãos perderam a identidade, através de imposições ideológicas e administrações defeituosas que os encarceraram, durante anos, atrás de grades invisíveis, porém poderosas, que os impediram de viver suas próprias ideologias.

Um palco para os legisladores

Há partidos políticos cujos representantes entendem que o exercício de seus mandatos deva ser praticado com uma profusão de projetos de lei. Acompanhando e analisando-os, vemos as mais descabidas propostas, ora impraticáveis, ora detentoras de temas conflitantes no que se refere à competência do idealizador da lei quanto a poder legislar sobre o assunto. || Há projetos tendenciosos que favorecem apenas um grupo, num imediatismo de resultados para ações impensadas e formalizadas como projetos de lei, pretendendo agradar de qualquer maneira, mas, cobrando, posteriormente, na época das eleições, a conta que será paga com votos. || Muitos destes eleitos tendem que legislar é como estar em um palco. Acreditam que quanto mais seus nomes estiverem estampados como autores de projetos de lei, mais será valorizada a sua carreira política, mesmo sendo inviáveis, mal articulados, desprovidos de real aplicação no campo jurídico e social, trazendo mais problemas que respostas. || O que, também, se apreende sobre o conteúdo técnico de alguns desses textos é a ausência de total apoio profissional, pois o legislador, em geral, não busca por **assessoria competente**, o que viria a assegurar mais viabilidade e coerência ao projeto. || Devido a esta ganância “polítiqueira”, alguns querem legalizar situações que se disfarçam sob a máscara da defesa dos direitos do cidadão e, na verdade, objetivam acrescentar mais pontos no currículo de “fazedores” de projetos de lei, sejam lá quais forem e a quem se destinarem. || Infelizmente, o lema “Estar sempre em evidência no palco político” tem sido a base de conduta de muitos de nossos representantes, eleitos para agir a nosso favor, mas que, ao final, transformaram-se em criadores de obstáculos.

Octavio Frias de Oliveira, o eterno | exemplo do empreendedor

Há pessoas que nascem para | mostrar ao mundo que todos os | momentos da vida existem, para | que levemos adiante projetos e | ideais. Encontrar pela frente um | novo desafio lhes serve para | despertar a mente em busca de | soluções inovadoras. || Tais seres humanos são pio- | neiros devido a uma visão espe- | cial das possibilidades de um ou | outro empreendimento. Para | eles, os obstáculos são degraus | que os fazem alcançar a realiza- | ção de seus planos. || Tornam-se onipresentes pelo | exemplo que dão ao se dedica- | rem ao trabalho, buscando a pro- | ximidade da perfeição. Não se | preocupam em exercer atividades | diferenciadas, pois é isto que os | impulsiona e lhes dá, a cada dia, | uma nova visão de vida. || Octavio Frias de Oliveira | provou ser uma dessas pesso- | as, que se comprometeu em al- | cançar o sucesso, não só para | seu próprio bem, mas também de | todos que, de alguma forma, es- | tivessem ligados a ele. || Trabalhou em serviço públi- | co, na área imobiliária e financei- | ra até se envolver com a área jor- | nalística, já com 50 anos de ida- | de, e adquirir a **Folha de São Pau- | lo**. Sob sua administração, a Fo- | lha se recuperou financeiramen- | te e, com a valorização da área | editorial, conquistou a credibili- | dade de seus leitores e, a partir | daí, os grandes anunciantes. || Segundo seu filho, Otávio Fri- | as Filho, “a qualidade editorial | conquistada foi nomeada por seu | pai de “independência”, tornan- | do-se sua maior preocupação”. | Seu pai trouxe para a imprensa da | época uma mentalidade empresa- | rial, colaborando para que as em- | presas jornalísticas deixassem de | ser meros instrumentos de poder | político e prestígio mundano, para | se tornarem efetivamente empre- | sas, voltadas a atender as deman- | das do público consumidor, a fim | de ampliar seus mercados e mar- | gens de lucro. || A Folha se fez um jornal mais | atuante, mais crítico, mais incô- | modo. O jornal passou a ter opi- | nião definida, não apenas a sua | própria, como era habitual, mas | opiniões de todo um elenco de | colonistas e colaboradores. || Até a idade em que Octavio | Frias de Oliveira faleceu, 94 | anos, prova a sua tenacidade | em relação à vida e suas reali- | zações sempre servirão de | exemplo, não só para empresá- | rios ou jornalistas, mas a todos | os seres humanos que lutam | para alcançar seus ideais, não | importando quais sejam, nem a | idade e nem quando irão se | sentir motivados a buscá-los. | Com sua lição de vida, apren- | demos

que o essencial é estar | sempre em busca de novos ho- | rizontes, pois sempre há algo |
novo a ser alcançado.

Exemplo de civilidade¹⁰

O povo — sempre tão subjugado — deu um verdadeiro exemplo de organização e civilidade durante a visita do papa Bento XVI. Centenas de milhares de pessoas foram às ruas, além de lotarem todas as grandes cerimônias públicas celebradas durante a visita de três dias à cidade de São Paulo. O mesmo ocorreu em Aparecida do Norte para onde o sumo pontífice seguiu e teve cada passo acompanhado por imensa massa populacional. O importante registro a ser feito é que não houve sequer um ato de vandalismo. Quem acompanhou através das imagens de TV viu apenas belos e emocionantes momentos protagonizados pelo povo que enfrentou temperaturas baixíssimas na capital paulista para mostrar todo o calor que tem no coração. Independentemente de credo ou religião, a visita do papa foi um bálsamo para um povo que exatamente há um ano viveu um dos momentos mais aterrorizantes da sua história com sucessivos ataques de uma facção criminosa que dominaram os noticiários com cenas chocantes. O sofrimento e o medo daquele período foram substituídos por muita esperança e paz. As cenas e os depoimentos exibidos ao longo da cobertura da visita religiosa histórica foram uma demonstração de que ainda resta serenidade e esperança, apesar da violência, da corrupção e de outras mazelas que atingem a população dia após dia. Principalmente às autoridades foi mostrado que o verdadeiro povo é este que tomou as ruas para ver, por frações de segundos, o papa. E merece muito respeito. Não pode ser generalizado por grupos como os que protagonizaram o tumulto ocorrido recentemente na Mooca, por conta de uma apresentação de pagode, ou a selvageria da praça da Sé durante um show de rap da Virada Cultural promovida pela Prefeitura. Um público bem maior tomou o espaço público para ver o sumo pontífice e não há noticiário de depredação, assaltos e vandalismo. O exemplo está dado. Resta saber de que forma aqueles que têm o poder vão lidar com ele. O verdadeiro povo que batalha e sabe se organizar tem que ser valorizado.

¹⁰ O texto original está publicado, na íntegra, em itálico

Grosserias Políticas

Temos presenciado ultimamente várias cenas bizarras, cujo extenso palco vai desde os corredores do Senado e Câmara passando pelas Salas das Comissões, local em que os parlamentares analisam e debatem matérias para serem votadas, até o próprio Plenário, onde se espera que as atitudes de alguns políticos que por ali perambulam tenham um certo grau de seriedade e compostura. Há parlamentares cantores, mímicos, caricatos, estressados, revoltados. Há aqueles que têm ataques típicos de uma *prima donna* e outros, tão neutros em suas falas e posicionamentos, que são apenas figurantes para fazer número. Mas, o pior disso tudo é ver seu candidato, aquele em que você acreditou, sair aos tapas, socos, pontapés, “cabeçadas” com seus colegas, apenas por divergência de opiniões, ou melhor, total falta de argumentação em defesa de um projeto, valendo-se, então, de atos violentos, reveladores da falta de autocontrole ou de preparo desses parlamentares. Não menos frustrante, é ouvir ofensas sarcásticas trocadas entre os mesmos, que de assuntos pertinentes às suas funções, tornam-se atos de peças com textos grosseiros, escondendo sentimentos de revolta. Na antiga Roma, a figura do Senador relacionava-se àquele que se notabilizava por sua atuação na sociedade, dando-lhe poderes de magistratura suprema. Por serem humanos, seus atos nem sempre foram cunhados de mérito ou isentos de erros, porém, esta instituição, enquanto se manteve ligada a seus princípios, trouxe poder e respeito àquela civilização. A decadência veio na perda do respeito por si mesmos e isto ocorreu em todos os momentos da história mundial, em que os líderes se transformaram em exemplos de falta de postura e desrespeito aos cidadãos. Quando começaram a acreditar que seus cargos lhes davam o direito de assumir o papel de vilões e que não seriam cobrados por isso ou ao resolverem acreditar que suas atitudes não eram suas e que delas poderiam se dissociar como o faz um ator ao se fecharem as cortinas. O que tais personagens políticos precisam entender é que fazem parte de uma plateia e a defesa de nossos direitos não se reduz a um texto mal decorado ou a variações de seus humores.

Até quando?¹¹

De tempos em tempos o morador de São Paulo | sente na pele que é refém de determinados grupos | que para atingirem seus objetivos não hesitam em | prejudicar mais de dois milhões de pessoas. O epi- | sódio da vez foi a paralisação, no início desta se- | mana, de seis das oito cooperativas de vans e mi- | croônibus que atuam na Capital. Sem aproxima- | damente cinco mil coletivos nas ruas, afetando 350 | linhas que atendem a cidade, os cidadãos pena- | ram sob baixíssimas temperaturas em pontos abar- | rotados. O avançar impetuoso do relógio durante | a espera em vão do coletivo é uma ferida profunda | na dignidade do ser humano, uma humilhação. | Não há outra expressão para descrever as cenas de | pontos lotados de trabalhadores que dependem do | emprego para arcar com a salgada tarifa de R\$ 2,30 | imposta pelo poder municipal. || A situação seria menos revoltante se, ao menos, | os cidadãos enfrentassem este tipo de estresse para | logo após, ganhar um transporte digno, ou seja, efici- | ente e de qualidade. No entanto, travado o tradici- | onal e rotineiro embate entre empresários do setor e a Prefeitura, o derrotado sempre é o povo. A este | grupo restam sempre os problemas já crônicos do | transporte público de São Paulo: linhas que não | respeitam horários de partidas fazendo seus usuá- | rios esperarem 20, 30, 40 minutos em paradas es- | palhadas pelo trajeto; veículos velhos, desconfor- | táveis, motoristas que não têm consciência | que transportam (e não ‘carregam’) | desde crianças e idosos, tendo total responsabili- | dade sobre a integridade física dos passageiros. | Enfim, não é de negociação que os usuários preci- | sam, é de muita vergonha na cara tanto daqueles | que se prestam a oferecer o serviço, como daquela | que tem o dever de fiscalizar; no caso a Prefeitura, | que autoriza a elevação do preço da passagem, mas, | se mostra incapaz de garantir o retorno ao cidadão | que banca tudo isso. || A pergunta clara e direta é: até quando o povo | será submetido a tal provação? Fica aqui nossa so- | lidariedade e apoio a todos aqueles que nesta se- | mana não tiveram garantido um dos seus direitos| mais básicos: o de ir e vir.

¹¹ O texto original está publicado, na íntegra, em itálico

O Trabalho Infantil

Se em 12 de junho comemora-se o sentimento, com o dia dos namorados, de outro lado, registra-se mais um ano em que a luta contra o trabalho infantil perdura, por não ter sido, ainda, erradicado do mundo.

Quando vemos pela TV uma criança chorando porque em seu íntimo sabe que perdeu parte preciosa de sua vida em um trabalho que não deveria fazer e quando, pelo mesmo canal de comunicação, somos agredidos com conselhos obtusos de pessoas que ocupam cargos públicos demonstrando visão distorcida da realidade, pois não convivem mais ou nunca conviveram com a mesma, ficamos preocupados com a possibilidade de tais crianças e adolescentes não virem a receber algum tipo de apoio sério e consciente dos mesmos, para alterar tal situação.

Tais pessoas brincam com os problemas que os brasileiros enfrentam, tornando-os vítimas constantes, devido à inabilidade como tais deficiências são encaradas. A inexistência de um sistema de saúde que funcione, a falta de habitação, o excesso de corrupção, o caos aéreo e outros tantos mais, “brincam” numa gangorra de carências de qualidade e exageros de incompetência.

Bom seria se utilizassem as frases de humor grotesco para transformar esta gangorra em um brinquedo apenas, destinado a alegrar crianças e adolescentes que sofrem, simbolizando a volta da esperança no futuro, a perspectiva de conforto e segurança em suas vidas, a garantia de poderem estudar tranquilamente, sem o medo de serem mortos em meio a tiroteios provocados por marginais que um dia também foram crianças e provavelmente passaram pelos mesmos dissabores que as de hoje passam.

Se o trabalho infantil surge em todo o mundo, manifestando-se em setores e atividades das mais diversas, o combate ao mesmo precisa ser feito por meio de programas que desenvolvam táticas adaptadas à realidade de cada país. A cada ano um tema é selecionado para ser tratado mundialmente, o ano de 2007 tratará do trabalho infantil na agricultura e pecuária, praticado por cerca de 70% das crianças do mundo todo.

Se este percentual nem deveria existir, surge a preocupação com um número tão grande de crianças que têm seu bem-estar prejudicado, cujo direito de receber educação é cada vez mais dificultado o desvalorizado pela falta de apoio aos professores e a

imposição de programas educacionais que não lhes proporcionam um ensino digno que as prepare para um desenvolvimento capaz de torná-las aptas a progredir em suas vidas.

Triste é saber que algumas pessoas que tiveram o privilégio de estudar, de preparar seu futuro para uma posição de destaque na sociedade, tomam atitudes que as tornam desmerecedoras de tais distinções, pior ainda, quando tais seres ocupam, sem ter condições, cargos de liderança.

Mas, enquanto existirem crianças e, adultos as considerarem, pois também tiveram infância, todo o empenho em proporcionar-lhes uma vida digna será válido e com certeza fará germinar sementes de dedicação para transformar suas existências, por respeito à vida, à dignidade e à humanidade.

Eu faço...mas quem aparece é você!

Quem não passou alguma | vez em sua vida por esta situa- | ção na qual, após um trabalho | dedicado vê o seu “tapete ser | puxado”, expressão popular que | explica com simplicidade, porém | com muita propriedade, a sensa- | ção destes momentos em que al- | guém, mascarado com atributos | de bondade e espírito de coope- | ração se revela um oportunista | e usa pessoas como degraus | para alcançar seus propósitos e, | ao conquistar seus objetivos, | esquece que os mesmos de- | graus, galgados de forma incor- | reta, e que o fizeram subir, pó- | dem fazê-lo despencar. || Tais pessoas, quando vem- | cem suas batalhas imaginárias, | alcançam postos ou situações | com bases inseguras e instáveis, | facilmente desestabilizadas, pois | não foram vencidas com o pró- | prio mérito e sim com artifícios. || Por estes motivos, ao esta- | rem em evidência, utilizam todo | meio possível para registrar for- | çosamente um valor duvidoso, | eliminando quem possa ameaçar | a instabilidade de um lugar alcan- | çado por meios inconfessáveis. || Com o decorrer do tempo, a | verdade começa a se manifestar, | pois esses usurpadores, que fingi- | ram ter competência, são obriga- | dos, muitas vezes, a buscar auxílio | das mesmas pessoas que usaram | para se promover, a fim de manter | uma posição que não merecem. || Os erros e enganos em suas | atuações tornam-se cada vez | mais evidentes. A competência | “pirata” vendida não é mais com- | prada, pois se expõem as falhas, | através da falta de resultados ou | de performances insignificantes. || Neste momento, estes intru- | sos do espaço alheio, têm que se | voltar sobre os próprios passos | e os degraus, antes desprezados, | transformam-se em “tábuas de | salvação”. Ironia. || Mas, o lado bom é o de as- | bermos que as pessoas compe- | tentes sempre encontrarão seu | caminho. Se não são reconheci- | das em seu trabalho por alguns | que possam a vir prejudicá-las, | talvez, estes últimos, não mere- | çam receber o fruto de seu es- | forço e dedicação. É melhor que | estes ingratos resolvam seus | problemas sozinhos ou com | seus iguais. Uns engolindo os | outros e ao final não sobran- | do coisa alguma. Pois entre | estes pares, na primeira amea- | ça ao poder de cada um, surge | um desenfreado canibalismo, | para eliminar concorrentes in- | desejáveis. || Quem tem competência e | respeita o trabalho de outros, | vai sempre brilhar, mesmo que | nuvenzinhas escuras tirem o | brilho do sol por alguns mo- | mentos. É só lembrar que elas, | algumas vezes, só fazem baru- | lho e outras vezes, nem em | chuva se

transformam. Só es- | tão de passagem e quando me- | nos esperamos, desaparecem |
sem deixar rastros.